cultura.df@dabr.com.br
3214-1178/3214-1179
Editor: José Carlos Vieira
josecarlos.df@dabr.com.br

Correio Braziliense
Brasília, sábado, 14 de novembro de 2026

O PAGODE TEM ENDEREÇO

» ISABELA BERROGAIN

"O maior pagode das nossas vidas". É assim que Duzão, Gustavo Goes, Paulinho Félix e Ramon Alvarenga, integrantes da banda de pagode brasiliense Menos é Mais, descrevem o show que apresentam hoje, às 21h, no Mané Garrincha. A afirmativa, porém, não é gratuita — o quarteto sobe aos palcos do estádio da cidade natal, com ingressos quase esgotados, para gravar o novo DVD da carreira, intitulado *Trilha*. Há apenas cinco anos, celebravam a filmagem do audiovisual Plano Piloto no ginásio Nilson Nelson, significativamente menor, e uma década atrás, festejavam shows lotados no Buteco da Boa, na comercial da 201 Sul.

Assim como a maioria dos artistas de pagode, o Menos é Mais começou com apresentações modestas nos pequenos estabelecimentos da cidade, se inspirando em grupos locais como Coisa Nossa, Adora Roda e Amor Maior. Foi em meio à incerteza da pandemia, porém, que o quarteto viu a carreira virar de cabeça para baixo. Com a ajuda da internet e das típicas lives do período de isolamento, a banda chamou atenção do público com releituras de sucessos do segmento, como *Melhor eu ir*, de Péricles, faixa que até hoje não pode faltar no repertório dos brasilienses.

A projeção nacional veio com o sucesso do projeto audiovisual *Churrasquinho do Menos é Mais*, que reúne mais de 1 bilhão de reproduções no YouTube. O êxito das regravações permitiu que o grupo apresentasse ao público faixas autorais, que hoje possuem mais de meio bilhão de plays no Spotify cada, como *Lapada dela*, *Coração partido* e *P do pecado*, segunda música mais ouvida do Brasil na plataforma em 2025. Com mais de 13 milhões de ouvintes mensais, o grupo é o artista de pagode mais ouvido no streaming desde 2022.

Para o percussionista Gustavo Goes, a inserção das faixas inéditas do grupo em meio às releituras que faziam parte dos shows foi uma transição muito natural. "No começo, as regravações tiveram um papel muito importante para nós, porque eram músicas que o público já conhecia, que faziam parte das nossas rodas de pagode e que ajudaram muita gente a nos conhecer. Mas sempre tivemos vontade de mostrar outras coisas, apresentar músicas novas e construir também um repertório próprio", relata o artista.

Com o tempo, o público foi abraçando as novidades e entendendo que o Menos é Mais não era só um grupo de regravações. "Acho que hoje a gente conseguiu mostrar essa versatilidade. E isso é muito legal, porque podemos revisitar grandes sucessos do pagode e, ao mesmo tempo, apresentar músicas que passam a fazer parte da história do gênero", aponta o percussionista.

Das apresentações no Buteco da Boa ao show no Mané Garrincha, a essência do quarteto permanece a mesma, garante Goes. "A gente continua gostando de fazer pagode, de tocar junto e de estar perto do público. Claro que muita coisa mudou, a estrutura hoje é outra, os palcos são maiores e a responsabilidade também, mas a vontade de fazer música continua igual. Quem acompanhava a gente naquela época vai encontrar os mesmos caras, com a mesma alegria de estar ali fazendo o que gostam. E acho que vai ser muito especial encontrar essa galera que acompanha nossa história desde o começo", torce.

A gravação de *Trilha*, entretanto, não chega a ser um reencontro com o público brasiliense. Isso porque, apesar de ser estrategicamente mais interessante que os músicos se fixassem em capitais como São Paulo ou Rio de Janeiro, os pagodeiros ainda moram em Brasília. "Aqui estão nossas famílias, nossos amigos, nossa história. A gente viaja muito, conhece lugares incríveis, mas quando volta é diferente. É onde a gente se sente em casa, onde consegue ter nossa rotina e ficar perto das pessoas que fazem parte da nossa vida. Não tem muito o que explicar, é nosso lugar", ressalta o vocalista Duzão, que continua no Gama mesmo após o estrelato.

Sotaque próprio

Fora do eixo Rio-São Paulo, o Menos é Mais conquistou o Brasil com sotaque próprio, resultado da mistura de culturas que é marcante na capital federal. "Brasília é uma cidade que recebe gente de todos os cantos do país, então crescemos convivendo com diferentes referências. Isso acaba influenciando a nossa música também. Cada um de nós tem uma história, uma referência musical e uma vivência diferente, e tudo isso se encontra quando a gente toca. Acho que o nosso som tem muito dessa mistura e desse jeito brasiliense de fazer pagode. A gente tem muito orgulho de carregar esse DNA", afirma o percussionista Ramon Alvarenga.

Os músicos asseguram que o pagode de hoje será, sim, o maior da história do grupo, mas só até o momento — para o Menos é Mais, o futuro não tem limite, declara Duzão. "Se alguém falasse, lá no começo, quando a gente se apresentava nos barzinhos, que um dia iríamos estar em um estádio em Brasília fazendo um show desse tamanho, talvez a gente nem acreditasse. Hoje estamos vivendo isso e é uma felicidade enorme. O *Trilha* vem para marcar esse momento da nossa carreira, mas a gente sabe que ainda tem muita coisa apra viver. Queremos continuar fazendo música, levando nosso pagode para cada vez mais gente e realizando sonhos que hoje a gente ainda nem imagina", conclui o vocalista.

TRILHA MENOS É MAIS

Hoje, às 16h, no estádio Mané Garrincha. Ingressos podem ser adquiridos por meio da plataforma on-line Ingresse, a partir de R$ 45 (meia-entrada). Não recomendado para menores de 16 anos.

MENOS É MAIS GRAVA NOVO DVD, TRILHA, NO MANÉ GARRINCHA E CELEBRA A TRAJETÓRIA QUE LEVOU O GRUPO BRASILIENSE DOS PEQUENOS BARES AOS GRANDES PALCOS DO PAÍS



Menos é Mais sobe aos palcos do Mané Garrincha, na tarde de hoje, para gravação do novo DVD

Minervino Júnior/CB/D.A.Press